

Roda de Conversa sobre Plantas Medicinais

A Espinheira-santa é uma árvore de pequeno porte ou arbusto grande, cresce até 5 m de altura, porém no interior da Mata Atlântica pode alcançar 10 m de altura, com copa arredondada e densa, ciclo de vida longo, nativa da região Sul do Brasil. Apresenta folhas com textura semelhante a couro, alternadas, brilhantes e com espinhos nas bordas. As flores são pequenas, de cor amarelada. Os frutos são cápsulas ovoides, de cor vermelha, contendo 1 a 2 sementes de cor preta.

A espinheira-santa é uma planta medicinal brasileira, amplamente utilizada na medicina popular no tratamento de gastrite e indigestão. Utilizada há séculos pelos índios no Brasil, Peru, Argentina e Paraguai especialmente no tratamento de úlcera, indigestão, gastrites, dores de barriga e cicatrizante.

Descrita pela primeira vez em 1725, e em 1922 ganhou destaque a partir dos estudos do professor Aluizio Franca, da Faculdade de Medicina do Paraná, que observou resultados positivos ao utiliza-la no tratamento de pacientes com úlcera gástrica. Presente na 4ª e na 5ª edição da Farmacopeia Brasileira (FB). Em 2011 foi incluída no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (FFFB, 1ª ed.). Atualmente a Espinheira-santa consta na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (Rename) e na lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado da RDC 26/2014.



ESPINHEIRA-SANTA

Maytenus ilicifolia Mart. Ex Reissk

FAMÍLIA: Celastraceae.

NOME POPULAR: cancerosa, cancosa, sombra-de-touro, erva-santa, salva-vidas, coromilho-do-campo, maiteno, espinho-de-deus.

PARTE USADA: Folhas.

PRINCIPAIS COMPONENTES QUÍMICOS

As folhas são constituídas principalmente por compostos terpênicos, fenólicos, fitoesteroides, alcaloides, antocianinas, taninos, saponinas, resina, mucilagem e trações de sais minerais (ferro, cálcio, sódio, enxofre).

ADULTERANTES

A Espinheira-santa sofre alto índice de adulteração no Brasil e pode ser confundida com outras espécies de plantas medicinais.

Entre os adulterantes mais frequentes estão a *Maytenus aquifolia*, com características e propriedades semelhantes, conhecida também pelos mesmos nomes populares da Espinheira-santa. Também é confundida com a Erva-mate (*Ilex paraguariensis*) por pertencer botanicamente a uma família e gênero muito próximos.

A *Sorocea bomplandii* é uma das espécies mais utilizadas na adulteração da espinheira-santa. Não existem estudos suficientes que justifiquem o uso ou comprovem a segurança.

INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS

Antidispéptico, antiácido e protetor da mucosa gástrica.

EFEITOS ADVERSOS

Não foram relatados até o momento, efeitos adversos graves ou que coloquem em risco a saúde dos pacientes utilizando extratos de espinheira-santa nas doses recomendadas. Pode ocorrer o aparecimento de sintomas como: aumento do apetite, sensação de boca seca, náusea e gastralgia.

PRECAUÇÕES

Não deve ser usado durante a gravidez, lactação e em crianças menores de seis anos. Não usar em pessoas com hipersensibilidade e com sensibilidade a plantas da família Celastraceae. Suspender o uso quando da realização de exames de medicina nuclear.

VIAS DE ADMINISTRAÇÃO E POSOLOGIA (DOSE E INTERVALO)

Oral. Uso adulto e infantil acima de 12 anos.

Infuso: 3 g (1 colher se sopa) para 150 mL.

Tomar 150 mL do infuso, logo após o preparo, três a quatro vezes ao dia.

Infusão: Colocar as folhas secas em uma xícara, adicionar água fervente e tampar. Após 10 minutos, coar.

TEMPO DE UTILIZAÇÃO

O tempo de uso depende da indicação terapêutica e da evolução do quadro acompanhada pelo profissional de saúde. Estudo clínico avaliado propõe a utilização por 28 dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LORENZI, H.; MATOS, F.J. A. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. Instituto Plantarum. Nova Odessa, 2002.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. Memento fitoterápico. 1ª ed. Brasília, DF, 2016.

ANVISA, Formulário de fitoterápicos da farmacopeia brasileira. 1ª ed. Brasília: ANVISA, 2011.

SAAD, G.; et al. Fitoterapia contemporânea: tradição e ciência na prática clínica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

ALONSO, J.; Tratado de fitofármacos e nutracêuticos. 1ª ed. São Paulo: AC Farmacêutica, 2016.

PANIZZA, S.T.; VEIGA, R. S.; ALMEIDA, M.C.; Uso tradicional de plantas medicinais e fitoterápicos. 1ª ed. São Luís, MA: CONBRAFITO, 2012



Imagem: Farmácia Viva do CERPIS.